

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão deste estudo são apresentados em dois manuscritos científicos, os quais foram elaborados de acordo às normas dos periódicos selecionados. Abaixo segue o título do manuscrito, periódico que será submetido e link das instruções aos autores.

**Manuscrito 1** – Violência nas relações amorosas de jovens universitários do curso de enfermagem e sua interface com as mídias sociais

**Revista Latino-americana de Enfermagem (RLA) – (Qualis A1)**

**Instrução aos autores:** <https://www.scielo.br/journal/rlae/about/#instructions>

**Manuscrito 2** – Juventudes e mídias sociais: roteiros sexuais de universitários em suas relações amorosas

**Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) – (Qualis A2)**

**Instrução aos autores:** <https://reben.com.br/instrucoes-aos-autores/#h2-2>

## 5.1 Manuscrito 1

### VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE ENFERMAGEM E SUA INTERFACE COM AS MÍDIAS SOCIAIS

### GENDER-BASED VIOLENCE IN THE ROMANTIC RELATIONSHIPS OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS IN NURSING PROGRAM

#### Resumo

**Objetivo:** analisar e descrever as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais. **Método:** trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, cujo referencial teórico-metodológico escolhido foi a Narrativa de vida, utilizando-se da Perspectiva Etnossociológica, e à análise com base no referencial teórico da teoria dos Roteiros Sexuais ou “scripts sexuais”. Participaram da pesquisa 19 discentes do curso de enfermagem, de todos os semestres, de uma Universidade Estadual Pública do Estado da Bahia. A coleta de dados ocorreu com a utilização de um questionário sociodemográfico e com perguntas sobre a vivência das violências nas relações amorosas, considerando as mídias sociais. Os dados foram coletados após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa e assinatura do TCLE. A análise de dados ocorreu utilizando Bertaux, por meio da identificação das recorrências temáticas, formação de agrupamentos de temas similares e análise entre eles, formação das subcategorias e, por fim, das categorias. **Resultados:** os dados mostraram que a vivência da sexualidade é fortemente influenciada pelos cenários culturais, tendo sido observadas situações de vulnerabilidade diretamente relacionadas à violência de gênero nas relações amorosas, as quais mostram-se agravadas pelo contexto de violências, especialmente

psicológicas. Ainda, as mídias sociais apresentaram-se como espaço propício e indelével para a prática da violência de gênero, tornando-se passível de perpetuação das violências.

**Conclusão:** é indispensável considerar que os aspectos socioculturais estão fortemente entrelaçados com a propagação dos estereótipos de gênero, assim como da violência de gênero nas relações amorosas dos jovens universitários. Assim, é imprescindível combatê-los, para que os jovens universitários não perpetuem esse tipo de relação durante a idade adulta.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Juventude; Violência de gênero; Violência por parceiro íntimo; Roteiros sexuais; Universidades.

### **Abstract**

**Objective:** To analyze and describe the life narratives of young nursing students regarding violence in romantic relationships within the context of social media. **Method:** This is a descriptive, exploratory study with a qualitative approach, whose chosen theoretical-methodological framework was Life Narrative, using the Ethnological Perspective, and the analysis based on the theoretical framework of the theory of Sexual Scripts. Nineteen nursing students from all semesters of a public state university in Bahia participated in the research. Data collection was carried out using a sociodemographic questionnaire and questions about the experience of violence in romantic relationships, considering social media. Data were collected after approval by the Research Ethics Committee and signing of the Informed Consent Form. Data analysis was performed using Bertaux's method, through the identification of thematic recurrences, formation of groupings of similar themes and analysis among them, formation of subcategories and, finally, of categories. **Results:** The data showed that the experience of sexuality is strongly influenced by cultural settings, with situations of vulnerability directly related to gender-based violence in romantic relationships

being observed, which are aggravated by the context of violence, especially psychological violence. Furthermore, social media presented itself as a conducive and indelible space for the practice of gender-based violence, becoming susceptible to the perpetuation of violence.

**Conclusion:** It is essential to consider that sociocultural aspects are strongly intertwined with the propagation of gender stereotypes, as well as gender-based violence in the romantic relationships of young university students. Thus, it is crucial to combat them so that young university students do not perpetuate this type of relationship into adulthood.

**Keywords:** Nursing; Youth; Gender violence; Intimate partner violence; Sexual scripts; Universities

## **Introdução**

As relações humanas se dão por meio de interações e vínculos que são estabelecidos com outras pessoas e grupos, e são cruciais para o desenvolvimento social, individual, profissional, mental e espiritual. Atualmente, tais interações e vínculos têm ocorrido através das mídias sociais, não havendo uma separação nítida entre as experiências *offline* e *online*, em que as atividades essenciais às relações humanas como o trabalhar, aprender, consumir e se relacionar são inerentes e influenciam o comportamento humano<sup>(1)</sup>.

Assim, as mídias sociais são espaços coletivos consolidados como um elemento onipresente, que provocam mudanças de comportamentos, atitudes e ressignificação de valores e percepções em relação ao outro<sup>(2)</sup>, sendo influenciada e influenciando, concomitantemente, a construção cultural, identitária, comportamental e relacional a todo instante, seja de maneira positiva e/ou negativa, especialmente em se tratando de jovens.

Na sociedade contemporânea, nada é pensado para durar, sendo as identidades, valores e relacionamentos estabelecidos de maneira frágil e substituível<sup>(3)</sup>. Essa falta de

compromisso nos vínculos amorosos, aponta para a liquidez e a não responsabilização afetiva que imperam nas relações humanas, sobretudo, dos vínculos amorosos juvenis.

Idealmente, o namoro durante a fase da juventude, é o contexto no qual os indivíduos exploram quem são e os papéis que irão desempenhar na idade adulta. O conflito, no entanto, é inerente às relações, independentemente de sua natureza, podendo ser resolvido de forma amigável ou evoluir para a violência<sup>(4)</sup>. Quando há a evolução para a violência, de qualquer espécie, estamos diante da violência no namoro (do original *dating violence*), conceito que surgiu em 1981 a partir do sociólogo *James Michael Makepeace*, o qual observou que o enfoque do estudo à época era sobretudo o da violência doméstica e infantil, desconsiderando-se a fase do namoro<sup>(4-5)</sup>.

Todavia, tal constatação ainda é atual no Brasil, uma vez que a violência no namoro é um assunto pouco discutido quando comparado com a violência na intimidade adulta. Esta lacuna, especialmente no campo científico e acadêmico, mostra uma certa despreocupação com a temática, não levando em consideração que os jovens, ao produzirem padrões de relacionamentos abusivos ainda na fase do namoro, poderão seguir vivenciando esse comportamento na vida conjugal<sup>(4-6)</sup>.

Tais padrões são elaborados por comportamentos e condutas humanas como expressão da própria sexualidade, sendo uma resposta não apenas biológica e instintiva, mas também como um produto da sociedade, uma construção sociocultural, que, ao mesmo tempo em que é influenciada pelas modificações transgeracionais das relações, do mesmo modo é responsável pela influência nas mesmas elaborações comportamentais<sup>(7)</sup>.

Nesse sentido, a violência nas relações amorosas, outrossim conhecida como violência por parceiro íntimo (VPI), é um fenômeno social, relacional e transgeracional e constitui-se como um grave problema de saúde pública tanto pelas repercussões negativas na

qualidade de vida quanto pelas implicações nas dimensões jurídica, econômica, social e da saúde<sup>(8-11)</sup>.

Diante disso, a Teoria dos Roteiros Sexuais, de Gagnon e Simon, foi escolhida como referencial teórico para conduzir este estudo de maneira a contribuir para uma compreensão ampla dos comportamentos e condutas<sup>(7)</sup> juvenis em seus relacionamentos amorosos, considerando, essencialmente, as relações humanas *Onlife*.

A teoria dos Roteiros Sexuais ou “Scripts Sexuais”, propõe a sexualidade como uma construção sociocultural, em que o comportamento humano é elaborado a partir de influências sociais, como normas, valores e expectativas<sup>(7)</sup>.

Os Roteiros Sexuais ou “Scripts Sexuais” se apresentam como um passo a passo de elaboração, significado e significância de os comportamentos sociais, que são criados, recriados e ressignificados a partir de elementos sociais, culturais, geracionais e transgeracionais.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar e descrever as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais.

## **Método**

### **Delineamento do estudo e amostra**

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa por conter relação direta com as experiências e vivências de cada indivíduo.

O referencial teórico-metodológico escolhido foi a Narrativa de vida, utilizando-se da Perspectiva Etnossociológica, baseada no relato de vida dos participantes. Tal abordagem visa

descrever as práticas sociais, permeando as maneiras como o sujeito se insere, atua e se apresenta nos espaços, grupos e mundos que faz parte<sup>(12)</sup>.

Participaram 19 estudantes do Curso de Bacharelado em Enfermagem, de todos os semestres, regularmente matriculados e que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Foram incluídos estudantes devidamente matriculados em quaisquer períodos do curso de enfermagem e com idade a partir de 18 anos. E excluídos estudantes matriculados, mas que não estivessem cursando o período seja por licença ou quaisquer outras formas de afastamento.

A variabilidade amostral deu-se pela necessidade em compreender as vivências de estudantes de diferentes semestres frente às distintas realidades, conforme recomenda o método das narrativas<sup>(13)</sup>.

### **Local de estudo**

A pesquisa foi realizada em uma universidade estadual pública do estado da Bahia, localizada na região sudoeste.

### **Coleta de dados**

A coleta de dados deu-se entre os meses de Abril e Agosto de 2025, sendo realizadas em espaços privados da referida instituição e tiveram uma duração média de 30 minutos, variando entre 15 e 100 minutos.

O primeiro contato com o público-alvo deu-se durante o período de aulas, na instituição de ensino, em que foram feitos os convites para participação. Em seguida, a

seleção dos participantes ocorreu de forma aleatória, utilizando o aplicativo de comunicação *Whatsapp*, para a realização do agendamento da entrevista.

Foram coletados os dados sociodemográficos e logo após, foi realizada a entrevista aberta por meio da pergunta indutora: “Conte-me sobre suas vivências de violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais”.

De maneira a melhor direcionar a entrevista, foram utilizados filtros sobre os assuntos sistematizados e informado ao participante quanto à liberdade para expor o que melhor lhe conviesse, contanto que sua narrativa permanecesse com relevância no que diz respeito ao objeto de estudo desta pesquisa<sup>(13)</sup>.

Para realização da entrevista foi utilizado o gravador do aparelho celular *Android* e solicitado ao participante para que respondesse à questão norteadora, a qual remeteu a lembrança das experiências vividas. Utilizado também um diário de campo, em que foram feitos registros das impressões da pesquisadora durante cada entrevista, sendo evidenciadas expressões corporais e faciais, gestos, entonação da voz, entre outras reações, conforme proposto pelo método da narrativa de vida<sup>(13)</sup>.

### **Instrumento de avaliação**

Foi criado um formulário de dados sociodemográficos e de perguntas gerais relacionadas a Violência no namoro, com o intuito de melhorar a visualização das informações relativas às vivências das violências.

Ademais, foi realizada a entrevista aberta por meio da pergunta indutora: “*Conte-me sobre suas vivências de violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais*”, utilizando *filtros*, de modo a proporcionar um melhor direcionamento do assunto.

## Tratamento e análise dos dados

A análise foi realizada na perspectiva etnossociológica, uma vez que tem por intuito o estudo de um “objeto social” como um fragmento da realidade sócio-histórica, entendendo suas nuances, a maneira que se deu suas relações sociais, dentre outras questões que o caracterizam<sup>(13)</sup>.

As narrativas foram transcritas logo após a realização das entrevistas e analisadas de maneira comparativa, conforme o método das narrativas<sup>(13)</sup>. Em seguida, os relatos foram lidos, considerando a individualidade e a especificidade de cada entrevistado e, posteriormente, gerado o agrupamento por similaridade de temas, distinguindo-os utilizando a marcação por cores. Essa etapa é denominada codificação, da qual emergiram 153 unidades temáticas (UTs).

Na segunda etapa, foi realizada a recodificação e a construção de agrupamentos para melhor identificação dos temas similares entre as UTs, os quais foram distinguidos através da marcação de cores. Assim, novas leituras das narrativas foram feitas em busca de duplicidades, similaridade ou ausência de unidades temáticas, sendo possível reorganizá-las, comparando-as conforme os temas que emergiram das narrativas dos entrevistados, quando se resumiu em 61 UTs<sup>(13)</sup>.

E, na terceira, realizou-se a síntese e o agrupamento destas unidades temáticas que deram origem a seis grandes grupos chamados de agrupamentos, para a obtenção das categorias analíticas e as subcategorias, de acordo com as similaridades dos temas agrupados<sup>(13)</sup>.

Logo após, foi realizado um “historiograma” formado por resumo das principais narrativas apresentadas pelos participantes, além de suas descrições, com a finalidade de promover maior conhecimento das características dos participantes e um melhor

entendimento das histórias narradas. Os participantes foram identificados pela letra “E” seguidos de números de 1 a 19 e pelo sexo, sendo “M” para masculino e “F” para feminino (EF1, EM2, EF3...), conforme ordem de realização das entrevistas.

No que tange à análise com base no referencial teórico da teoria dos Roteiros Sexuais ou “scripts sexuais”, este tem por finalidade refletir a complexidade do processo de socialização, a partir dos cenários culturais, dos roteiros interpessoais e dos roteiros intrapsíquicos, de cada pessoa<sup>(7, 14)</sup>.

Ademais, os Roteiros Sexuais são a expressão da sexualidade, formados por comportamentos e condutas sexuais. O comportamento sexual é uma ação física, uma manifestação tangível, determinada pelo ato biológico, enquanto a conduta sexual é a interpretação, avaliação e internalização dos comportamentos sexuais dentro de um contexto social específico<sup>(7)</sup>.

Neste estudo, será retratada a *Categoria Analítica: Narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre violências nas relações amorosas*; e as *Subcategorias 1: Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem*; e *Subcategoria 2: Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas*.

## **Aspectos éticos**

Esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “*Vivências de Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais*” e obedeceu às Resoluções 466/2012<sup>(15)</sup> e 510/2016<sup>(16)</sup>, que orientam a ética em pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em

Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em 28 de Março de 2025, sob parecer substanciado nº 7.473.802 e conforme CAAE ° 87011025.5.0000.0055. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de acessarem os instrumentos de coleta de dados.

## **Resultados**

Foram entrevistados 19 acadêmicos do curso de Bacharel em Enfermagem, de todos os semestres. De acordo com o perfil sociodemográfico, 11 são do sexo feminino e oito masculino, com idades entre 18 e 27 anos.

A partir das narrativas, foi possível identificar duas subcategorias:

### ***Subcategorias 1: Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem.***

Nesta subcategoria são apresentados os fundamentos e aspectos das violências durante as relações amorosas dos jovens.

Os entrevistados apresentaram em suas falas a pressão sobre a virgindade, a religião como grupo social de conduta moral, a necessidade em comunicar aos pais sobre o relacionamento e de se estabelecer uma relação, a partir da pressão, conforme abaixo:

*“Eu sempre tive um grande problema na minha vida que era essa questão da pressão sobre virgindade. Minha mãe sempre falou comigo que eu tinha que guardar minha virgindade, porque o homem não casa com mulher que não é virgem [...]”.* (EF2)

*“Por essa questão de religião, a gente não pode fazer nenhum ato assim, sexual, antes do casamento. E ele tentava sempre me mostrar o outro lado da relação sexual, que sempre ia ser para aproximar o casal [...]”.* (EF3)

*“[...] A gente foi começando a se relacionar, até que um dia eu cheguei e falei pra minha mãe que eu estava conhecendo uma pessoa e ele falou pra mãe dele. E aí a gente resolveu. Ele resolveu entrar na minha casa, falar com meus pais. Não era nem pedir em namoro, mas comunicar né? [...]”.* (EF6)

*“[...] ela falou pra mim o seguinte: meu pai me falou que tu só me ver de novo se for pra gente se relacionar. Aí eu falei: tá bom, então vamos nos relacionar [...]”.* (EM9)

Outrossim, há relatos que trazem as redes sociais como espaço de controle das interações estabelecidas nas relações amorosas, de não aceitação do vínculo de amizade com outras pessoas do sexo masculino, assim como do *gaslighting* a partir das formas de interações, indicando posse e objetificação.

*“[...] Eu não podia fazer nada nas redes sociais porque era algo que para ele estaria mostrando a imagem dele. Então eu não poderia aceitar nenhum amigo, postar nenhuma foto na praia ou na piscina de biquini, porque se eu aceitasse ou postasse, eu já sairia como vagabunda [...]”.* (EF2)

*“Ele não gostava que eu tivesse amizade com homens. Então, na minha cabeça era certo, porque era o meu primeiro relacionamento, o que estava acontecendo eu estava aceitando. Eu me afastei dos meus amigos, posteriormente me afastei das minhas amigas, e comecei a me afastar da minha família também[...].”.* (EF7)

*“Desde o início ele começou a ter comportamentos de ciúmes estranhos. Na cabeça dele, eu não tinha que ter vivido aquilo, eu tinha que ter me guardado para ele, porque ele só*

*teve três parceiras sexuais, e eu tive mais [...] ele começava a me culpar muito por ter tido mais parceiros sexuais e aí ele começou a olhar o que eu mexia no celular; se abria o Instagram do meu ex ou o story de alguém que você já fiquei, e ele não gostava que eu olhasse; ele começava a adotar comportamentos de raiva, de fúria e fechava a cara pra mim, não queria conversar comigo... E, então, ele começava a pedir pra eu bloquear. Aí eu bloqueava essas pessoas”. [E.15]*

*“[...]ele vinha até a mim pessoalmente e também por WhatsApp falar que ele não ia curtir porque ele não tinha gostado... que não era pra ficar postando foto de biquíni; eu lembro que na época, eu arquivei as fotos pra evitar problema com ele “. (EF17)*

### **Subcategoria 2:Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas.**

Esta subcategoria apresenta os desdobramentos das experiências das violências durante as relações amorosas dos jovens.

Ainda, as narrativas revelam o controle a partir de ameaças, tentativas de mudanças no comportamento do outro, desestabilização da autoestima e invasão de privacidade, além de enfatizarem *gaslighting* e comportamentos narcisistas.

*“[...] ela mesmo fazia questão de dizer: se eu me afastar de você, você não vai ter ninguém. Eu sou o melhor que você vai conseguir na vida e eu ia correndo atrás para tentar fazê-la ficar. Eu sempre pensava: não quero ficar sozinho, eu tinha medo de ficar sozinho por conta de outras situações passadas [...]”. (EM1)*

*“Ele acabou demonstrando ser uma pessoa muito ciumenta, invasiva em relação às minhas redes sociais. Controlava o celular com quem eu conversava. Chegou uma época que começou a querer modificar a forma que eu vestia”. (EF4)*

*“Ele pegou minha conta do Google e de madrugada ele acessou, foi no meu Google fotos, foi olhando todas as minhas fotos, até o que nem eu sabia que existia ele acessou e aí ele começou a printar as fotos e tentou tirar informações de mim [...] ele viu fotos íntimas no meu drive e me dizia que eu tinha traído ele... tinha feito milhões de coisas, sendo que eu não estava com ele na época dessas fotos”. (EF11).*

*“[...] ele falava que se a gente terminasse, eu não ia arranjar outra pessoa porque ninguém ia me amar como ele me amava. Então eu ficava com medo. Era algo que me fazia relutar, inclusive para terminar com ele, porque eu tinha essa vontade de terminar, mas, ao mesmo tempo, eu não tinha força. [...] tinha essa dependência emocional com ele na época e aí eu ficava imaginando: meu Deus, mas se eu terminar com ele agora, eu não vou conseguir ficar com mais ninguém; ninguém vai querer ficar comigo; eu não sou boa o suficiente pra poder ficar com ninguém [...]”. (EF17)*

*“[...] ele fazia o jogo virar contra mim, como se a realidade fosse eu invadindo a privacidade e tempo dele, procurando coisas no celular dele [...] e todas as vezes que eu procurava uma briga, ele fazia essa reversão, ele jogava tudo contra mim [...]”. (EF7)*

*“Eu acabava enviando algumas fotos para ele na esperança de fazer com que ele não voltasse a ficar frio e distante comigo, sabe? Enquanto ele estava intercalando entre esses dois estados: de ser muito fofo e de ser muito frio comigo [...]”. (EF8)*

*“Eu começava provando de todas as formas totalmente verídicas [...] eu me preocupava mandando fotos, prints provando que não era mentira [...] ela me mandava as mensagens me acusando, principalmente quando eu demorava um pouquinho de responder*

*[...] eu mandava foto do que eu estava fazendo, para provar que aquela demora foi plausível”. (EM9)*

Além disso, crenças sobre o amor da vida, decisões e comportamentos em prol da outra pessoa e apenas para agradá-la, submissão e violência sexual, são retrados nas falas das participantes.

*“Eu achava que era o amor da minha vida, mas eu estava vivendo esse relacionamento tóxico que não conseguia sair e eu soube que era tóxico só quando eu saí [...]”. (EF11)*

*“[...] as tomadas de decisões sempre eram em prol dessa pessoa, porque eu não decidia nada por mim... eu não fazia nada porque eu tinha vontade; eu fazia porque eu estava sendo mandado”. (EM14)*

*“Eu comecei a adotar comportamentos só pra agradá-lo[...] eu não conseguia falar não pra ele, porque sempre que eu falava, ele ficava correndo. Então eu não tinha mais coragem de falar tipo, hoje eu não tô a fim. Todas as vezes que ele queria, eu fingia até que eu tava com vontade, só para fazer, pra satisfazer ele... Então não era prazer meu”. (EF15)*

## **Discussão**

Corroborando os achados, estudos ressaltam que o público mais acometido pelas formas de violências no namoro é o feminino, com idades entre 14 e 25 anos, sendo este mais propenso a enfrentar repercussões graves e negativas em comparação ao público masculino<sup>(17-20)</sup>.

Tal realidade, faz-nos deparar com a perspectiva de gênero independente dos diversos contextos de relacionamentos amorosos, como o ficar e o namoro. Sendo assim, a

violência no namoro como uma questão de gênero, evidencia a mulher como pessoa/indivíduo em situação de violência, e o homem como o seu principal agressor.

Diante do público jovem, cada vez mais hiperconectado, e de uma sociedade patriarcal, machista, sexista e heteronormativa, as violências se apresentam como um instrumento poderoso para a construção das masculinidades<sup>(17)</sup> e, por sua vez, como provável determinante da naturalização e legitimação das inúmeras formas de agressão. Assim, tal desigualdade de poder entre as gerações pode ser um fator determinante para uma maior vulnerabilidade dos mais jovens a este fenômeno<sup>(21)</sup>.

Portanto, as violências se dão a partir de interações complexas com as estruturas sociais, como machismo estrutural e dominante, o patriarcado, as desigualdades e as dinâmicas de socialização de gênero, em que há, por sua vez, a super valorização do masculino e a desvalorização do feminino, proporcionando assimetria das relações de gênero<sup>(22)</sup>.

À luz dos Roteiro sexuais, a violência no namoro se constitui como uma violência de gênero e se apresenta entrelaçada com os cenários culturais, intrapsíquicos e interpessoais das relações humanas, visto que a conduta de agressão adotada se deve à uma construção histórica e social, pautada em uma sociedade androcêntrica<sup>(23)</sup>.

No que tange aos “*cenários culturais*”, estes estabelecem que o comportamento e a conduta sexuais são moldados pelos cenários, como: normas, valores e significados coletivos atribuídos à sexualidade<sup>(7)</sup>. Nas narrativas de jovens universitários, pode-se compreender esse significado.

Nas narrativas das entrevistadas EF2 e EF3, percebe-se o predomínio da influência da genitora e da religião na roteirização da conduta sexual, ao retratar a virgindade como uma espécie de tesouro precioso, um requisito legal e obrigatório, capaz de elevar o valor de si ao ponto de se tornar interessante para que o outro queira estabelecer um vínculo afetivo seguro;

de idealizar o casamento como contrato que manterá a disciplina da sexualidade dos indivíduos; de estabelecer que a mulher só deve ter relações sexuais após a efetivação do casamento e que o descumprimento dessa norma a conduziria ao pecado. Ademais, as falas deixam claro a ideia de que o sexo deve acontecer dentro de um relacionamento romântico, progredindo de forma linear (beijo, toque, penetração).

Na contemporaneidade, embora tenham ocorrido inúmeras transformações sociais no que diz respeito ao espaço da mulher e da sua sexualidade, em sociedades patriarcais, como a do Brasil, a virgindade feminina, assim como o sexo, permanecem sendo negligenciados, reprimidos e deslegitimados. Ainda, por uma questão cultural, muitos homens são encorajados a manterem relações sexuais descompromissadas na adolescência e, para boa parte das mulheres, o sexo deve ser realizado somente no âmbito de uma união estável, cujo objetivo maior é a reprodução e não a satisfação sexual feminina<sup>(24)</sup>.

Nesse sentido, a cultura sexual brasileira é determinada pela desigualdade de gênero, que recai predominantemente sobre as mulheres, haja vista a construção histórica dos corpos femininos e o fenômeno do patriarcado, com relações assimétricas e de poder entre homens e mulheres baseadas no gênero<sup>(25-27)</sup>.

As narrativas de EF6 e EM9 reforçam a influência dos pais sobre os relacionamentos dos filhos, em que na entrevista EF6 percebe-se uma necessidade em estabelecer uma comunicação com os pais sobre o relacionamento, não com o intuito de mantê-los informados, mas com a intencionalidade implícita de tornar algo mais sério. O relato da EM9, aponta a interferência do pai ao estabelecer uma condição forçada para que pudessem continuar se vendo. Ambos os comportamentos reforçam os papéis de gênero em sua desigualdade e tornam evidentes comportamentos violentos por meio da coerção indireta e da manipulação.

No tocante, entrar em um relacionamento através da manipulação ou coerção é um processo de prisão psicológica, em que o consentimento é anulado ou distorcido. Trata-se de uma conduta padrão, que envolve comportamentos que não consideram a autonomia do sujeito, dominando suas decisões sob a ideia pretenciosa de amor ou cuidado<sup>(28)</sup>.

Nas entrevistas EF2, EF7 e EF17, os relatos mostram as hierarquias de gênero perpetuadas, em que a figura masculina estabelece à figura feminina como sua posse, um objeto pessoal, onde a mulher é obrigada a aceitar normas e regras que contrapõem a sua autonomia em seus espaços pessoais virtuais. Revela a violência de gênero baseada na coerção, sendo um padrão de abuso de comportamento, nesse caso, realizado por meio das mídias sociais, com intuito principal de retirar a autonomia e constranger.

Os conflitos e comportamentos psicológicos inicialmente frequentes nos relacionamentos entre jovens são as ameaças, verbal/ emocional e relacional<sup>(29,30)</sup>. Contudo, o cotidiano dos relacionamentos não é composto somente de comportamentos explícitos de desqualificação, ameaça ou intimidação, esses atos se mesclam a gestos carinhosos ou aparecem disfarçados de atenção e cuidado<sup>(31,32)</sup>.

O abuso emocional apesar de ser uma violência psicológica persistente, nem sempre é fácil de reconhecer ou de dar a devida importância, sendo, por vezes, negligenciada. A violência psicológica geralmente busca controlar, subjugar, punir e isolar por meio de humilhações e medo as pessoas envolvidas<sup>(33-35)</sup>.

Os relatos EM1, EF4, EF11 e EF17 apresentam os papéis de gênero relacionados à privacidade, a partir das ameaças, ciúmes excessivos, controle das redes sociais e dispositivos celulares e, invasão de contas e aplicativos.

Os papéis de gênero influenciam significativamente a forma como homens, mulheres e pessoas de gêneros diversos experienciam, valorizam e protegem sua privacidade, tanto no

ambiente físico quanto no digital. As normas sociais moldam expectativas de comportamento, resultando em disparidades na segurança e no controle da intimidade.

É também relevante discutir as violências nos contextos das tecnologias de informação e comunicação (TIC). O Brasil é um dos países de maior uso de telefonia celular no mundo, e há literatura expressando como o aspecto controle, na forma de violência psicológica, se tornou sofisticado com os meios tecnológicos<sup>(36-38)</sup>.

As narrações EF7, EF8 e EM9 expressam táticas modernas de perpetração da violência no namoro. Fazer o parceiro ou parceira sentir-se constantemente culpado em um relacionamento é uma forma de manipulação emocional e se enquadra como violência psicológica (ou emocional), sendo um pilar da violência de gênero. Esta tática é utilizada para exercer controle, poder e dominação sobre a outra pessoa, visando desestabilizar sua autoestima e fazer com que a pessoa em situação de violência duvide de sua própria realidade, sentimentos e sanidade (técnica conhecida como *gaslighting*)<sup>(39)</sup>.

As falas apontam uma agressão direta, em que são realizados ameaças, insultos, disseminação de informações privadas, incluindo fotos e vídeos pessoais, roubo de identidade por meio da criação de perfis falsos em rede social, rastreamento da última conexão, uso de senha pessoal do (ex)parceiro sem o consentimento para verificar e-mail, contatos telefônicos, mensagens de texto e de rede social ou até mesmo para monitorar a localização via *Global Positioning Global* (GPS), com a intenção de o humilhar e embaraçar.

Destaca-se nas narrativas a influência sociocultural, implícita e explicitamente, em que as violências psicológicas são naturalizadas, minimizadas e negligenciadas socialmente por seus perpetradores e por quem as sofre. Isto se comprova por estudos que ressaltam que, geralmente, a busca por ajuda por parte das mulheres ocorre a partir de lesões físicas<sup>(40)</sup>.

Há ainda o controle/monitoramento feito, envolvendo o controle de localização, a escuta de ligações telefônicas, acesso a mensagens de texto, às redes sociais, e-mail, à galeria de imagens e vídeos, clonagem do *WhatsApp*, dentre outras práticas violentas<sup>(41)</sup>.

As narrativas EF11, EM14 e EF15 reiteram a fantasia do amor. O amor romântico, quando fantasiado e idealizado, atua frequentemente como uma construção social que perpetua papéis de gênero desiguais, posicionando a mulher como passiva e negligenciando seus próprios desejos em favor da idealização masculina, o que reforça a submissão feminina e a ideia de que a mulher deve ser abnegada, cuidadora e sacrificial.

No que se refere às crenças e fantasias criadas pela observação de relacionamentos amorosos de outras pessoas e a partir da própria mídia, algumas pesquisas exploram a associação destes elementos e o da dependência, à maior vivência de violências nas relações afetivas-íntimas dos jovens.

É evidente a necessidade em se questionar certas crenças românticas e ressignificar, principalmente a compreensão que se tem sobre o amor, visto que, a violência psicológica em um relacionamento íntimo gera desdobramentos comportamentais que podem causar danos como confusão mental, dependência emocional e sentimentos de desvalorização<sup>(42)</sup>.

As narrativas confirmam a acentuação dos problemas gerados nos jovens em situação de violência, como desqualificação da imagem<sup>(43)</sup>. Refletem uma sociedade patriarcal, perpetuam o abuso de poder e a desigualdade de gênero, para além de enfatizar a possessividade<sup>(44)</sup>.

Ademais, o isolamento social, a perda da própria identidade e da autoestima geram dependência do parceiro e do relacionamento, o que permite o aumento da frequência e intensidade dos abusos, bem como o medo de retaliação. Além disso, o controle pode ser interpretado como zelo<sup>(45)</sup>. Essa compreensão distorcida demonstra como as violências

psicológicas se mostram associadas ao gênero, meios de garantir a manutenção do poder em relacionamentos assimétricos, hierárquicos e desiguais<sup>(34, 45-48)</sup>.

Sendo assim, as violências fazem parte do cotidiano e reforçam a dicotomia entre pessoa em situação de violência e agressor. As interpretações e compreensões da violência não interferem no reconhecimento da violência; a reprodução de padrões sociais de gênero contribui para a manutenção de hierarquias e desigualdades que atingem os jovens de diferentes formas, ou seja, o silenciamento a respeito do tema contribui para a invisibilidade da violência no relacionamento e conseqüentemente a não procura de cuidado junto aos serviços adequados.

Por fim, as narrativas apresentadas se aproximam com o que a teoria dos Roteiros sexuais denomina de **cenários culturais**, que caracterizam-se como instruções e práticas dos papéis sociais, a serem desenvolvidas pelas pessoas, influenciadas pelos arranjos sociais, como família, escola, religião, cultura, valores e normas<sup>(7, 14)</sup>.

## **Conclusão**

Os dados obtidos por meio dos relatos dos participantes deste estudo demonstraram que os discursos dos parceiros íntimos de jovens universitários carregam notória influência social, cultural, religiosa e familiar, e estes são reforçados pelo modelo patriarcal que impera a partir de falas machista, sexista, heteronormativa e androcêntrica, predominante na violência de gênero.

A construção da masculinidade e da feminilidade é histórica, social e cultural, em que as desigualdades de poder estabelecidas por essas construções confluem com a desigualdade de poder entre as gerações. Assim, gênero e geração são determinantes da violência no namoro, bem como da sua vulnerabilidade.

Ademais, foi possível depreender que os jovens universitários passaram por várias situações complexas e violentas durante suas vivências de relacionamentos amorosos, fazendo-se necessário, um olhar mais sensível, tanto da universidade, como de professores, diretores, coordenadores, reitores e profissionais em geral, quanto dos próprios jovens em relação a si mesmos, voltado para a compreensão e respeito de sua história, singularidades e processos de vida.

Por sua vez, há a necessidade de maior incentivo à realização de ações, atividades e projetos voltados para a saúde mental dos jovens universitários de enfermagem, assim como de esclarecimento quanto a temática, por meio do acesso mais facilitado ao serviço de psicologia institucional, acesso às práticas integrativas e complementares em saúde, palestras, rodas de conversas, dentre outras estratégias que podem ser executadas de forma factível e simples.

Apesar das evidências encontradas, o presente estudo apresentou limitações quanto à restrição ao curso de enfermagem e a quantidade de participantes, assim como às evidências para uma discussão mais aprofundada sobre tal fenômeno, o que indica a necessidade de realização de mais estudos.

## **Referências**

1. Floridi L, editor. The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era. Cham: Springer Open; 2015. DOI: 10.1007/978-3-319-04093-6.
2. Souza RR, Moraes LF. Impactos das redes sociais na cultura e saúde mental dos usuários. Rev. Tecnol. Soc. [Internet]. 2022 [citado em 4 de Dezembro de 2026];18(53):133-149. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/12640>.

3. Bauman Z. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
4. Weiler ALD, Nielsson JG, das Neves ASA. Quando no namoro há violência: O fenômeno dating violence no Brasil e o que podemos aprender com Portugal. RDD [Internet]. 17º de fevereiro de 2025 [citado 4º de março de 2026];34(63):e16454. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/16454>.
5. Makepeace JM. Courtship Violence among College Students. In: Family Relations, v. 30, n. 1, p. 97-102, 1981. DOI: <https://doi.org/10.2307/584242>
6. Brasil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre a proteção das mulheres em situação de violência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006.
7. Gagnon JH, Simon W. Sexual conduct: the social sources of human sexuality. New Jersey: Aldine Transaction, 1973.
8. Falcke D., Oliveira DZ, Rosa LW, Bentancur M. Violência conjugal: Um fenômeno interacional. Contextos Clínicos, 2(2), 81-90, 2009. DOI:10.4013/ctc.2009.22.02.
9. Acosta DF, Gomes VL de O, Fonseca AD da, Gomes GC. Violence against women committed by intimate partners: (in)visibility of the problem. Texto contexto - enferm [Internet]. Jan;24(1):121–7, 2015. Available from: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001770013>.
10. Coll C., Ewerling F., García-Moreno C., Hellwig F., Barros AJD. Intimate partner violence in 46 low income and middle-income countries: an appraisal of the most vulnerable groups of women using national health surveys. BMJ Global Health, 5(1), 1-10, 2020. DOI:10.1136/bmjgh-2019-002208.
11. Bobato ST, Alves B., Benvenuti JN, Becker APS. Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes universitários. PsicolArgum. 39 (107), 1199-1219, out./dez., 2021. Disponível: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/download/27691>.

12. Bertaux D. L'approche biographique: sa validé méthodologique, ses potentialités. Cahiers int sociol, n. 69, p. 197-225, 1980.
13. Bertaux D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.
14. Gagnon JH. Uma Interpretação do Desejo. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 2012.
16. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 07 de Abril de 2016. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. 2016.
17. Costa LLV, Visentini DM, Scott JB, Siqueira AC. Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. Inter. Psicol. [Internet]. 22º de dezembro de 2023; 27(3). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/87183>
18. De Souza CMB, Dos Santos YSPC, Sampaio JMC. A dinâmica do dating violence entre jovens universitários na capital federal brasileira. Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa [Internet]. 2023 Feb 10. DOI: DOI: <https://doi.org/10.5102/pic.n0.2021.8911>
19. Zeña-Ñañez Sandra, Morocho-Alburquerque Noelia, Failoc-Rojas Virgilio E., Ichiro Peralta Christopher, Valladares-Garrido Mario J. Violencia durante el enamoramiento en estudiantes universitarios. Rev Cub Med Mil [Internet]. 51(1), 2022. Disponible en: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0138-65572022000100007&lng=es](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0138-65572022000100007&lng=es). Epub 01-Mar-2022.
20. Reis MN de S, Santos S de J, Machado JC, Rodrigues VP, Simões AV. AGRESSÃO E ABUSO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE

VIOLÊNCIA NO NAMORO. semicit [Internet]. 5º de agosto de 2025. Disponível em: <https://anais2.uesb.br/index.php/semicit/article/view/4315>.

21. Brancaglioni B de CA, Fonseca RMGS da. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. Rev Bras Enferm [Internet]. 2016Sep;69(5):946–55. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>

22. Machado DF, Castanheira ERL, Almeida MAS de. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 5003–5012, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.02472020>.

23. Medeiros AJG, Barreto ES. Gênero e ciência: silenciamentos e perdas. Revista Feminismos, 10 (2-3), 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42950>.

24. Silva ACFC, Lopes MP, Pereira AS. O tabu do sexo na boca da mulher: dizeres e sentidos sobre o comportamento sexual feminino na contemporaneidade. Via Litterae [Internet]. 13(2):267-79, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7986091>

25. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v. 20, n.2, p. 71 - 99. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>.

26. Saffioti HIB. Gênero, patriarcado, violência. Expressão Popular. 2015.

27. Tasqueto Tassinari T, Honnef FH, Arboit J, Ferreira Langendorf T, Cardoso de Paula C, de Mello Padoin SM. Violencia de género entre estudiantes universitarias: evidencia sobre prevalencia y factores asociados. Acta. Colomb. Psicol. [Internet]. 13 de diciembre de 2021; 25(1):105-20. DOI: [10.14718/ACP.2022.25.1.8](https://doi.org/10.14718/ACP.2022.25.1.8).

28. Machado MOS, Da Fonseca PN, Tannuss ADG, Dias DGN, Pereira RS. Gaslighting em relacionamentos íntimos: uma revisão de escopo. Ciências Psicológicas, 19(2), e-4477, 2025. DOI: [10.22235/cp.v19i2.4477](https://doi.org/10.22235/cp.v19i2.4477).

29. Barreira AK, Lima MLCD, Avanci JQ. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
30. Oliveira QBM, de Assis SG, Njaine K, Pires TO. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & saúde coletiva*, 19, 707-718, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
31. Razera J, Falcke D. Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. *Psicologia Clínica*, 29(3), 543-562, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsa.lud.org/scielo.php?pid=S0103-56652017000300010&script=sci\\_abs-tract&tlng=pt](http://pepsic.bvsa.lud.org/scielo.php?pid=S0103-56652017000300010&script=sci_abs-tract&tlng=pt)
32. Ribeiro MRC, da Silva AAM, Batista RFL, de Rocha LMLN, Schraiber LB, Medeiros NL, Barbieri MA. Psychological violence against pregnant women in a prenatal care cohort: rates and associated factors in São Luís, Brazil. *BMC pregnancy and childbirth*, 14(1), 1-9, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1186/1471-2393-14-66>
33. Dempsey, F., Hammond, M. D., & Dixon, L. (2023). Examining self-reported motivations for physical and psychological intimate partner aggression: A systematic review. *Aggression and violent behavior*, 69. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2023.101822>
34. Hamel, J.; Cannon, C. E., & Graham-Kevan, N. (2023). The consequences of psychological abuse and control in intimate partner relationships. *Traumatology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/trm0000449>
35. Klencakova, L. E., Pentaraki, M., & McManus, C. (2023). The impact of intimate partner violence on young women's educational well-being: A systematic review of literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 1172-1187. <https://doi.org/10.1177/15248380211052244>
36. Dichter ME, Thomas KA, Crits-Christoph P, Ogden SN, Rhodes KV. Coercive control in

intimate partner violence: Relationship with women's experience of violence, use of violence, and danger. *Psychology of Violence*, 8(5), 596–604, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.1037/vio0000158>

37. Bueno S, Martins J, Lagreca A, Sobral I, Barros B, Brandão J. O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 17o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 136-145, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>

38. Caridade S, Sousa HFP, Dinis MAP. Cyber and offline dating abuse in a Portuguese sample: prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/28371>

39. Melo ACC de, Silva RS e, Sousa L de M. Violência invisível: o gaslighting como mecanismo de controle e dominação. *Rev. Bras. Sex. Humana* [Internet]. 36:1288, 2025. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/1288](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1288).

40. Mascarenhas MD, Tomaz GR, Meneses GM, Rodrigues MT, Pereira VO, Corassa RB. Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(suppl 1). 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007>.

41. Flack RMD, Deslandes SF. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7): 2017. DOI: 10.1590/0102311X00138516.

42. Ferreira IB. Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da invisibilidade à compreensão. *Pucspbr* [Internet]. 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/42185>

43. Oliveira YP de, Araujo A da F, Riboldi Junior O, Frugoli R. Consequências da violência de gênero na saúde de universitárias: um estudo de caso sobre relacionamentos íntimos

abusivos. *Physis* [Internet]. 2024;34:e34087. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434087pt>

44. Braga D, Veras D, Melo M, Duque T. Abusive relationships and their repercussions from the perspective of undergraduate healthcare students. *Concilium* [Internet]; 24(15):521–44, 2024. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/2246/e72010c75d51c5ddb822cbe1255be19aa022.pdf>

45. Karakurt G, Silver KE. Emotional abuse in intimate relationships: The role of gender and age. *Violence and victims*, 28(5), 804-821, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00041>

46. Miller MS. *Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres*. Summus Editora, 1999.

47. Saffioti HI. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagú*, 115-136, 2001. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644541>

48. Saffioti HI. *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público do Estado da Bahia. 2004.

49. Hamel J, Cannon CE, Graham-Kevan N. The consequences of psychological abuse and control in intimate partner relationships. *Traumatology*. Advance online publication, 2023.

DOI: <https://doi.org/10.1037/trm0000449>.